

O renascer da Fénix: O impacto do PEP numa reclusa



Lenore Bryck é uma escritora e tradutora voluntária do Programa de Educação para a Paz (PEP). A sua história sobre o impacto do PEP baseia-se em entrevistas com “Júlia”, uma voluntária do PEP na América Latina e “Maria”, uma reclusa numa prisão de alta segurança de mulheres. Os nomes de pessoas e lugares foram alterados ou omitidos, de forma a salvaguardar a privacidade.

“Hoje, ouvi-te dizer algo que me comoveu até às lágrimas, quando falaste sobre a guerra e de como as guerras começam primeiro dentro das pessoas”. Maria escreve a Prem Rawat dos confins da prisão de alta segurança onde se encontra há 18 anos. “Tal como a maioria das pessoas, sempre procurei a paz fora de mim própria. Pensava que era algo que teria de alcançar pela força e só depois de estabelecer a justiça social.”

Maria foi condenada pelo papel que desempenhou como militante num movimento revolucionário que procurava estabelecer um estado socialista e libertar o país do imperialismo. Eles acreditavam que havia um sistema de discriminação entranhado que empobrecia a população e que eram necessárias medidas violentas para se alcançar uma mudança.

O governo obteve poderes quase ditatoriais para reprimir o terrorismo crescente por parte de diferentes grupos de guerrilha. Muitos acusaram os militares de comportamento igualmente brutal, incluindo massacres, abuso, tortura e prisões em massa sem o devido processo. Apanhados no meio do conflito, os cidadãos sofreram um trauma violento, um abuso dos seus direitos básicos e prisões ilegais. Dezenas de milhares de inocentes foram assassinados. A violência resultou num preço humano e económico devastador.

Estas são as cinzas escuras donde esta fénix está a renascer. Depois de tantos anos na prisão, bloqueada não só pelas grades e pela perda da sua liberdade pessoal e das suas relações, mas também por um profundo desespero, Maria sente que tem vindo gradualmente a sarar.

O Programa de Educação para a Paz tem sido uma componente vital no seu processo de crescimento, que incluiu psicoterapeutas, amigadas e *workshops* na prisão. Ao longo de várias conversas, ela descreve como, dia após dia, está a descobrir a sua essência, reconciliando-se com o seu verdadeiro ser e recuperando-o, enchendo-se de uma crescente compaixão e respeito, e até mesmo sarando a sua relação com o filho.

Júlia, a facilitadora do PEP, partilha uma conversa recente em que Maria fala do seu amor, da sua culpa e da sua esperança pelo filho. Lamenta o quanto o filho sofreu por causa das suas ações passadas – como teve de

crescer sozinho, sentindo-se culpado e perseguido. Tinha criado uma identidade para si próprio, mas faltavam peças. Afastou-se dela e fechou-se em si mesmo. Durante anos não tiveram qualquer relação, mas a situação agora tinha melhorado. Durante a sua última visita, ele disse: “Mãe, vejo-te melhor... Vejo que estás melhor, melhor do que antes, melhor até do que as pessoas que estão lá fora e são livres.”



Maria conseguiu entregar ao filho um vídeo de Prem Rawat. Explicou-lhe que não havia nada escondido naquela mensagem e que, se ele estivesse interessado, podia ver o vídeo e aprender mais por si próprio.

Ela anseia por um destino diferente para o filho: ser livre de outro tipo de prisão, originada na carência e na angústia mental, sofrendo do legado da violência. Maria diz a Júlia como adora o filho acima de tudo. Quer o melhor para ele e sente que a mensagem de Prem Rawat é a melhor.

E depois há aqueles detalhes aparentemente menores em que ela se sente surpreendida pelo seu crescimento. Descreve uma reunião

com as autoridades prisionais para analisarem queixas sobre as mudanças que estavam a implementar, tais como eliminar o tempo das reclusas para passeios no exterior.

Maria sente-se orgulhosa pela forma como agora conseguiu reclamar os seus direitos de forma mais eficaz, com respeito mútuo e sem gritar ou ser violenta, como tem sido o seu estilo.



Maria agradece a Júlia por vir à prisão e facilitar o PEP. “O que está a fazer é tão precioso para mim, porque este programa está a dar-me uma nova vida,” diz ela. Com transbordante

gratidão e ambas em lágrimas, ela entrega a Júlia uma carta que escreveu a Prem Rawat, a primeira vez que escrevia algo do género.

Nessa carta, Maria expressa a sua esperança de que o Programa de Educação para a Paz possa ser disponibilizado a todas as pessoas, para que ninguém tenha de sofrer as mesmas consequências por ações destrutivas e pelo equívoco de que a paz pode ser alcançada através da guerra. “Quando ouço as tuas palestras, penso que, se tivesse sabido há anos atrás tudo o que ensinas, não estaria na prisão. Mas depois digo a mim própria que este momento, este presente, compensa tudo. Tive de chegar ao fundo do poço para poder sentir tudo o que a tua mensagem evoca em mim. Agradeço-te por teres este projeto para reclusas. No meu país, existem muitas mulheres presas por muitos motivos. Precisamos de curar as nossas feridas e de nos libertarmos de crenças que nos fazem sofrer.”

Fotos por: J. Carlos